

TEREZA TRIGALHOS tem vindo a desenvolver, nos anos noventa, um notável trabalho avolutivo e de aperfeiçoamento, técnico e estético, da sua linguagem plástica.

O público e alguma crítica menos comprometida com versões proto-definitivas de uma Arte Contemporânea epitelial, latifundiária, emersa de atitude *bad*, minimalista e desobrigada, das gerações periféricas deste fim-de-século, mantêm, ainda hoje, uma tendência cultural para este seu figurino poético e temático (intenso e dramático), da pintura-artefacto, do óleo sobre tela, da escrita interior tutelada pelo expressionismo gestual, com antecedentes na *pintura em português*.

Nesta mostra de **Sete Pinturas por uma Epopeia** – quase simultânea a outra, que decorre na sua terra natal, Paços-de-Ferreira – TEREZA TRIGALHOS excede a sua linguagem profana e sensual, ultrapassa com esse seu imaginário de gente lendária (rebuscado de mitos e tragédias antigas), vidrando o sentido místico com que a cenografia paisagística de 1940 concelebrava a heroicidade e o patriotismo épico dos *nautas*, *marítimos* e *embarcações* que levavam a fé e o império a bordo, com a aventura no convés, o poder na ponte, Dom João Segundo ao leme, a guerra santificada no porão.

**Sete** são as pinturas, como **Sete** foram as *Partidas* legisladas por Afonso X de Castela e Leão, o Sábio, e **sete** foram os lugares do mundo procurados pelo seu tetraneto, o Regente D. Pedro, tão omitidos pelos nossos historiadores (*aliados do Partido da Guerra e amantes das práticas celibatárias e da castidade, de Salazar e do Infante de Sagres.*)!

TEREZA TRIGALHOS tem oficialmente muita modelagem e escultura naquilo que pinta. E a sua gestualidade – que tanto seduz os seus apreciadores e colecionadores, já numerosos – radica-se nessa sensibilidade, que transporta para o vigor dos seus quadros, hoje enriquecidos pela cor, em que fora tão sóbria no início da década, quando começou a expor regularmente.

Com esta exposição ela encerra o seu programa expositivo para 1997. Eu diria que em boa hora. Porque é, também, o ano **sete** sobre a sua revelação, como artista profissional.

Caramulo, 1997. Outubro